

A construção identitária no romance As mulheres do meu pai de Agualusa

The identity construction in romance The women of my father of Agualusa

Gabriela da Paz Araújo¹
Rosilda Alves Bezerra²

RESUMO: O presente trabalho objetiva analisar o romance do escritor angolano José Eduardo Agualusa, observando a transitividade cultural como elemento presente em *As mulheres do meu pai*. Nesse sentido, serão consideradas as relações entre sociedade e literatura, na perspectiva de identificar os elementos que possibilitam a construção identitária das personagens. A história de Angola servirá de suporte para a compreensão da sociedade angolana apresentada por Agualusa. Nesse sentido, pretende-se observar aspectos relevantes que caracterizam questionamentos acerca das fronteiras estabelecidas sobre a identidade e dos valores impostos como universais. O estudo fundamenta-se, sobretudo, na análise das personagens que transitam através da construção de suas próprias identidades, a partir de interação com outras culturas. A fundamentação teórica será baseada nos estudos de Hall (2005), Granja (2009), Macedo e Chaves (2007), Bezerra (2011).

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Identidade; Língua; Memória.

ABSTRACT: The present work aims to analyze the e Angolan writer José Eduardo Agualusa's novel, observing the cultural transitivity as a present element in *As mulheres do meu pai*. In this sense, the relations between society and literature will be considered, in the attempt of identifying the elements that make possible the characters identity construction. The Angola history will serve as a support for understanding the Angolan society showed by Agualusa. In this sense, we intend to observe relevant aspects that characterize questions about the boundaries established on the identity and values imposed as universal. The study is based, mainly on the analysis of the characters that transit through the construction of their own identities, from interaction with other cultures. The theoretical basis will be supported on the studies of Hall (2005), Granja (2009), Macedo and Chaves (2007), Bezerra (2011).

KEYWORDS: Culture; Identity; Language; Memory.

¹ Aluna da graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – Centro de Humanidades - Guarabira. (Bolsista PIBIC/ PROPESQ) <http://lattes.cnpq.br/7497193869116454>, e-mail: gabrielaaraujo970@yahoo.com.br; uepbstudentegaby@gmail.com

² (Profª Drª Orientadora/UEPB/PIBIC/PROPESQ) rosildaalvesuepb@yahoo.com.br



Introdução

Este trabalho se constituiu a partir da pesquisa do Pibic intitulada: Identidades e territórios da lusofonia em “*Nação crioula*”, “*As mulheres do meu pai*” e “*Milagrário pessoal*” de Agualusa, desenvolvida na Universidade Estadual da Paraíba, no Centro de Humanidades, em Guarabira, sob a supervisão da Prof^a. Dr^a: Rosilda Alves Bezerra. Tendo como propósito investigar nos romances *Milagrário* do escritor angolano José Eduardo Agualusa, a fusão de culturas diversas, advindas dos países de Língua Portuguesa, as relações sociais existentes entre esses países e o constante processo de construção identitária de sua nação. Nesse artigo, analisaremos esses aspectos apenas no romance *As mulheres do meu pai*, sendo esse, um romance que trás uma variedade cultural a partir da transitividade de culturas vivenciadas pelas personagens da obra.

A literatura e a sociedade estabelecem entre si, uma relação de sentidos que vem marcada pela interdependência e pela reciprocidade, podendo ser possível à presença de ambos em uma mesma obra, sendo então respectivamente notável o caráter estético da literatura e a reflexão quanto aos aspectos políticos da sociedade. Miticamente a arte literária tornou-se uma representação autêntica das manifestações culturais, deixando de ser entendida como apenas uma idealização humana, como acreditavam os românticos para ser uma criação ligada diretamente à vontade íntima do homem e da sociedade.

No contexto histórico-social dos países africanos de língua lusófona, a obra citada estar inserida em um cenário diversificado, marcado por guerras, administração corrupta, preconceito e uma diversidade cultural. Tais evidências propiciam o complexo processo de construção identitária ou o que denominamos “angolanidade”, com o permanente diálogo estabelecido na obra entre a ficção e a história de Angola.

Angola é descrita por José Eduardo Agualusa como um país que está diretamente ligado à diversidade cultural resultante dos diversos processos econômicos e sociais ocorridos, como a exportação dos escravos, a implementação da cultura europeia e as constantes lutas pela independência. Estes processos auxiliaram na nova conscientização de uma burguesia considerada intelectual, que se estabelecia principalmente por colonos, seus descendentes e colonos assimilados, assim intitulados por corresponderem às exigências dos colonizadores.

Os movimentos nacionalistas angolanos floresceram com o contato dos estudantes Angolanos com as ideias nacionalistas europeias. Dessa forma, a partir da geração de 50 que ocorre a fase de conscientização do angolano, fazendo com que o mesmo crie uma autonomia política em relação ao seu colonizador e tente se libertar desse sistema que os aprisiona.



Sendo o colonialismo um sistema carregado de contradições, os germes de sua própria destruição emergem em diversas circunstâncias e vários níveis. [...]Inclusive a repressão violenta das forças coloniais vai espreitar as consciências, criar a animosidade de uma forte atividade literária paralelamente a organização política já em marcha. E quanto mais decididamente os escritores superam a sua condição de colonizados e se impõem através da produção de texto de raiz nacional e empenhamento numa luta comum. (FERREIRA, 1989, p. 31-32)

Nesse contexto a literatura torna-se um meio para a representação de ideologias, caracterizando-se como de resistência e de combate ao colonialismo e suas respectivas decisões. O objetivo da produção literária caracterizou-se na construção dos heróis nacionais que se situavam interiormente a colonização, buscando também introduzir os novos heróis que faziam parte da construção da nação em meio às imposições do colonialismo. A língua portuguesa, mesmo sendo instrumento de opressão do colonizador português, tornou-se instrumento de divulgação das ideias nacionalistas que se disseminavam pelo país, proporcionando a população bilíngue de Angola um entendimento do que se passava naquele período, e possuía uma versão escrita e não apenas falada como as outras línguas locais que atingia outras nações lusófonas.

José Eduardo Agualusa apresenta uma literatura independente que busca a construção identitária por meio da valorização da memória, apresentando ainda a identidade angolana como algo fragmentado, que foi construído a partir do contato com culturas diversas e entre elas destaca-se a cultura do colonizador.

José Eduardo Agualusa: um autor pós-moderno

O angolano José Eduardo Agualusa nasceu em 1960, na cidade de Huambo, é considerado um autor contemporâneo de Língua portuguesa por possuir um discurso literário constituído pela pluralidade cultural, que está ligada diretamente a sua biografia. A sua obra carrega experiências das suas constantes viagens, e a sua perspectiva sociocultural, logo que suas experiências estão ligadas diretamente com a história de Angola, marcada pelos processos de colonização, movimentos em favor da independência, guerra civil e as consequências do país no pós-guerra.

A obra de José Eduardo Agualusa é o reflexo das situações vivenciadas e conhecidas historicamente pelo escrito sem oferecer soluções para os problemas contemporâneos da sociedade angolana. A característica marcante de sua obra está ligada diretamente com os



aspectos angolanos considerados na perspectiva de algo integral, unificado e sim como um projeto em constantes mudanças que sofre influências diversas de outros países. Nessa perspectiva, Sofia Granja nos afirma:

(...) Elementos de suma importância para o projeto de construção da nação angolana, como fronteiras, histórias, tradição, raça, etc., são colocados à prova no discurso proposto por Agualusa. Se as gerações anteriores, e mesmo as atuais, ainda buscam a afirmação de uma identidade de essência angolana, que possa apaziguar toda a diversidade cultural existente em Angola, para poder retomar o sonho de construção da nação, Agualusa se pergunta, e nos pergunta: o que é identidade, o que é ser angolano, português, Goês, brasileiro? (2009, p.22)

As personagens compartilham histórias vivenciadas pelo próprio autor, como exemplos, podemos citar: a nacionalidade de Agualusa, que optou por ser angolano, já que ao nascer em Angola durante o período colonial tornava-o verdadeiramente cidadão de Portugal. Algumas das personagens dos romances são levadas muitas vezes para uma nacionalidade totalmente diferente da sua origem, ou seja, a construção social faz parte do resultado e do sentido atribuído à identidade do lugar. No entanto, o conceito de identidade é algo que pode ser modificado e articulado segundo os interesses dos indivíduos, que em certos momentos decidem optar por uma nacionalidade diferente da que lhe foi atribuída ao nascimento.

A ficção é desenvolvida ao passo que o presente e o passado conversam entre si, sendo visitada constantemente a história de Angola ligando a Portugal e ao Brasil, que possuem suas histórias entrelaçadas. A produção literária construída por Agualusa reflete a pluralidade cultural resultante dessa relação cultural dos países lusófonos, marcados por diferenças etimológicas que contribuem para a construção de uma nova identidade, pode-se dizer que tal abordagem deriva do ponto de vista construído por Stuart Hall quando afirma que “as identidades modernas estão sendo descentradas, isto é, deslocadas ou fragmentadas” (HALL, 2004, p. 104).

Sintetizar a obra abordada é um procedimento que visa evidenciar a estrutura literária desenvolvida por Agualusa, permitindo um contato direto com a articulação do pensamento do autor que se estabelece em meio a um percurso histórico e social, revelando a composição da identidade do indivíduo, que é composta por várias influências, necessitando do percurso histórico para se estabelecer, mas sem torna-se absoluto. Nesse sentido, esse discurso se coaduna ao que Stuart Hall coloca sobre “a identidade é um desses conceitos que operam “sob rasura”, no intervalo entre a inversão e a emergência: uma ideia que não pode ser



pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser sequer pensadas”. (HALL, 2004, p. 104).

Em *As mulheres do meu pai* José Eduardo Agualusa traz uma narrativa ficcional, que é espelhada na viagem feita pelo próprio escrito de Angola a Moçambique, com objetivo de colher material para um filme sobre a música africana e sobre a situação das mulheres no sul da África, sendo acompanhada pela cineasta Karen Boswall e pelo fotógrafo Jordi Burch. Viagem essa que o inspira a construção desse romance, tendo como personagem central Laurentina, que após a morte de sua mãe em Portugal viaja para o território africano com o intuito de conhecer Faustino Manso, quem acredita ser seu pai biológico. A jovem convence o namorado Mandume a lhe acompanhar na viagem, no entanto este não desejava ir, por não gostar de África, mesmo sendo filho de um casal Angolano.

(...) Nunca gostei de África. Vi como África destruiu os meus pais. Li alguns dos livros que eles guardam no escritório, isso a que alguns chamam literatura angolana: *A vitória é certa camarada! A poesia é uma arma, sábado vermelho*, panfletos políticos, escritores o mais das vezes, com os pés.(...) (AGUALUSA, 2012, p.28, Grifos do autor)

Laurentina tenta reconstruir ao longo de sua viagem a história do seu suposto pai o músico já falecido Faustino Manso, que possui uma história bem peculiar ao deixar entre Angola e Moçambique sete viúvas e dezoito filhos. A documentarista ao buscar respostas para suas origens biológicas não encontra o que esperava.

Durante a leitura somos levados a relacionar a viagem real realizada por Agualusa e a ficção na viagem de Laurentina, havendo o registro de vários lugares e críticas ao abandono de alguns pontos turísticos, além de efetivas discussões sobre a civilização, o comunismo, a mestiçagem, a relação do racismo e do *Apartheid*, ganha destaque na narrativa, além de comentários acerca de músicos, pintores, fotógrafos e poetas, sejam eles angolanos, sul-africanos ou moçambicanos.

O fio condutor do enredo em *As mulheres do meu pai* se caracteriza por ser extremamente irônico, logo que narra à viagem de Laurentina a Angola no intuito de descobrir suas origens. A viagem em busca da identidade acontece em várias cidades de Angola, África do Sul e Moçambique, conhecendo as várias mulheres e os numerosos filhos deixados pelo seu suposto pai. Faustino Manso, para a surpresa de Laurentina e dos leitores, era estéreo, com isso, entendemos que, de certa forma, aquele homem dominador que conquistou várias mulheres e decepcionou muitas delas foi também enganado pelas mesmas.

Laurentina descobre que a sua nova origem revelada como verdadeira é falsa e que a sua origem anterior julgada como falsa é verdadeira. No final do romance, descobre que Dário



seu pai adotivo, é, de fato seu pai biológico não tendo parentesco nenhum com Faustino Manso. O que acontece nesse enredo é a desconstrução dos mitos fundadores, nesse sentido segundo Sant'anna “é um efeito de deslocamento” (SANT'ANNA, 2003, p.28), que provoca duplicidade de sentidos, tornando-se contrário, ou seja, aquilo que se entende por verdadeiro passa a ser falso, e logo em seguida retoma sua posição como verdadeiro.

Identidade: uma questão de transitividade

O romance *As mulheres do meu pai* apresenta uma transitividade de culturas e de identificação dos indivíduos acerca de sua nacionalidade. Laurentina ao viajar para África, busca encontrar suas raízes africanas diferente de seu namorado Mandume que não se considera africano, mesmo tendo nascido em Angola.

(...) Mandume decidiu ser português. Está no direito. Não creio, porém, que para se ser um bom português tenha de renegar todos os seus ancestrais. Sou certamente uma boa portuguesa, mas também me sinto um pouco indiana; finalmente, vim a Angola procurar o que em mim possa haver de africano (AGUALUSA, 2012, p.25).

Mandume mostra-se resistente as sua origem, a medida que não aceita que não aceita que é angolano esquecendo o país como pátria e tomando Portugal como nova pátria assim como seu pai, que se mostrou totalmente contrário a sua viagem a África. Seguindo esse ponto de vista, Rosilda Bezerra nos explica como a relação com a metrópole modifica a ideia de nacionalidade para Mandume.

Nesse sentido, esta passagem encaixa-se com o fato de Mandume não identificar-se com os outros costumes, porque ele continua ligado as suas relações com a metrópole, afastando-se ainda mais de suas raízes. Enquanto isso, Laurentina integra-se a nova cultura, permite-se a experimentar o que o suposto pai biológico vivera. Sua forma de observar e lidar com o outro é de aproximação e de alteridade e identidade.(BERREZA, 2011, p. 05)

Inicialmente, Mandume renega suas origens africanas a partir da expressão de seu pensamento negativo acerca da cidade de Luanda. Com isso, é notável que esse pensamento remete-se ao oposto do que ele entende por metrópole, sendo justamente esse contraste entre Angola e Portugal que ele deseja intimamente negar como pertence a uma cidade que segundo ele é um somatório de horrores.

Esta cidade é um somatório de horrores: pobreza mais racismo mais estupidez mais ignorância mais conservadorismo mais machismo mais



intolerância mais arrogância mais ruído. Muito ruído. Ruído por toda a parte, a todas as horas do dia e da noite. (...) (AGUALUSA, 2012, p.46).

A caracterização do cheiro de África, também é enfatizado pelas personagens do romance, não como algo ruim, mas sim como representação de vida, segundo a opinião de Dário Reis.

- Ah, Moçambique! Foram anos felizes. Às vezes sonho com aquele tempo. Depois acordo e ainda sinto nos lençóis o cheiro de África. Quem não sabe o que é o cheiro de África não sabe a que cheira a vida!... (AGUALUSA, 2012, p. 29)

Temos a visão de Mandume e Laurentina, esta que deseja apreciar o cheiro de África, já Mandume não deseja o mesmo, pois está no país só para acompanhar a namorada que o convenceu a vir, mesmo contra a sua própria vontade.

Quando o avião aterrou em Luanda e abriram as portas, parei um instante no cimo das escadas e enchi os pulmões de ar. Queria sentir o cheiro de África. Mandume abanou a cabeça, infeliz:

- Merda de calor!

Enfureci-me:

- Ainda nem pisámos em terra e tu já protestas. Não sabes apreciar as coisas boas?

- Que coisas boas?

- Sei lá, o cheiro, por exemplo. O cheiro de África!

Mandume olhou-me, perplexo:

- O cheiro de África?! Cheira a xixi, caramba!...

Fiquei calada. Cheirava mesmo. (AGUALUSA, 2012, p. 29-30)

Laurentina também descreve a paisagem que vê em África.

(...) A paisagem é lindíssima. Tenho finalmente a sensação de está em África, nos vastos espaços sem arestas de que o meu pai sente tantas saudades, horizonte aberto, terra vermelha, e os gigantescos embondeiros dos cartões postais. (AGUALUSA, 2012, p. 29-30)

A narrativa, ao percorrer o Continente Africano, também ressalta a literatura africana como brasileira e portuguesa, como também a produção musical africana e brasileira. Esse percurso é entendido como “uma instancia produtora de linguagem” (BEZERRA, 2011, p. 05), isto é, ao recordar a memória nas entrevistas acerca da história de seu suposto pai Faustino Manso, Laurentina sente-se como se tivesse vivido o percurso percorrido por ele naqueles territórios.



Riu-se. A rir a lembra Juliana (o contrário é que está correto, bem sei). Serviu-se novamente de chá. Estendeu-se mais uma fatia de bolo. Naquele momento senti-me pela primeira vez moçambicana, em estreita harmonia com aquela velha casa, e esta cidade onde, ao longo dos séculos, se foram juntando, para o bem e para o mal, árabes, portugueses, indianos, além dos diversos povos africanos que receberam Vasco da Gama, em 1498, quando ele aqui aportou. Dona Ana de Lacerda adivinhou a minha emoção: (AGUALUSA, 2012, p.212).

Durante a viagem, Mandume transita por várias sensações, e uma delas é a busca pela negação de sua origem, por acreditar que África não representa nada em sua vida.

Eu não sou daqui. Eu não sou daqui.
Repito isto em silêncio ao longo do dia.
Acho que as pessoas me escutam, escutam o que penso, porque me olham de forma estranha, um pouco de lado, como uma ave avaliando um predador. Alguns perguntam:
- Não é angolano, pois não?
Outras não perguntam nada. Digo-lhes na mesma:
- Sou português!
A reação varia. Um ou outro sorri:
- Eu sou do Sporting (AGUALUSA, 2012, p.98).

O desejo de mudar a sua nacionalidade também é encontrado no romance, diferente de Mandume que deseja ser literalmente português, deixando de lado sua origem, um estilista português veio de Lisboa com intuito de se tornar Angolano.

- Quero ser angolano – informou-me – Sempre quis. Acho que tenho jeito.
Dei-lhe os parabéns pela coragem. Acrescentei que me parece um objetivo “terrivelmente”. Vir para Angola para ser angolano não é o mesmo que ir para Los Angeles disposto a ser um ator famoso. Mais facilmente um tipo consegue torna-se um ator famoso. O rapaz, porém, não esmoreceu, mas os pais, ambos naturais de Angola. Levantou-se e foi dançar Kuduro. (...) (AGUALUSA, 2012, p. 244-245)

As concepções de identidades destacadas anteriormente se caracterizam por serem imutáveis, transitórias e contrárias, se estabelecendo essencialmente por meio da relação social estabelecidas pelos indivíduos. É através dessas relações que os seres se inteiram da cultura do outro, fazendo-se conhecedores cada um da sua realidade, com isso estabelecem significados que lhes projetam para uma autoidentificação, possibilitando construir sua própria identidade. Nesse sentido Ortiz (1996, p.07) afirma que “toda identidade se define em relação a algo que



lhe é exterior, ela é uma diferença”. A partir da inserção dos indivíduos em diferentes espaços culturais, os sujeitos recebem influências diversas que alteram, de fato, a sua identidade.

Considerações Finais

Em *As mulheres do meu pai*, a ideia de identidade é construída a partir do resgate da memória, se caracterizando pela variedade de opiniões que buscam desvendar os anseios do homem e as suas verdades. A narrativa se estabelece a partir da construção de uma mentira que é tida inicialmente como verdade. Laurentina, ao pensar que tudo que já tinha vivido era uma mentira, questiona ao pai, supostamente adotivo, no início do romance: “- De quantas verdades se faz uma mentira?” Dário Reis lhe responde: “Muitas, Laurentina, muitas! Uma mentira, para que funcione, há-de ser composta por muitas verdades.” (AGUALUSA, 2012, p.17). Ao final da narrativa, Laurentina não tem mais questionamentos e sim uma certeza: “- Leve os sonhos a sério – sussurrou. – Nada é tão verdadeiro que não mereça ser inventado.”(AGUALUSA, 2012, p.348).

As personagens desse romance transitam por suas identidades, tanto em busca de respostas para as suas origens, como Laurentina, como também em busca do afastamento de sua origem, assim como faz Mandume. Este que adquiriu Portugal como nova pátria, não querendo assemelhar-se em nada com as suas origens africanas, quando afirmava: “Raízes têm as plantas e é por isso que não se podem mover. Eu não tenho raízes. Sou um homem livre” (AGUALUSA, 2012, p.28).

Nesse contexto destacamos o caráter de mobilidade da identidade, ou seja, a identidade é mudada a partir do momento que se inteira com outras culturas, mudando, então, a perspectiva de entendimento sobre o que vem a ser identidade nacional, ou seja, desconstruindo a mesma.

Referências bibliográficas

AGUALUSA, José Eduardo. **As Mulheres do meu pai**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2012, - (Série Geral)

BEZERRA, Rosilda Alves. **Resistência, identidade e memória em “A última tragédia” de AbdulaiSilá, “As mulheres de meu pai” e “O vendedor de passados” de Agualusa**. Anais do XII Congresso Internaciona da ABRALIC Centro, Centros – Ética, Estética. UFPR, Curitiba, 2011.



FERREIRA, Manuel. **O discurso no percurso africano I**. Lisboa, Portugal: Plátano Editora, 1989.

GRANJA, Sofia Helena de Vasconcelos Horta. **As teias da palavra: análise das estratégias de desconstrução do discurso de nacionalidade na obra de Agualusa/Dissertação (Mestrado em Letras)** – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

ORTIZ, Renato. **Um outro território: ensaios sobre mundialização**. São Paulo: Olho D'Água, 1996.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia e paráfrase & Cia**. SP: Editora Ática, 2003.

